

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 2	12
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coellho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 3	22
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	
CAPÍTULO 4	35
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8951919114	
CAPÍTULO 5	47
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8951919115	
CAPÍTULO 6	58
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.8951919116	

CAPÍTULO 7	65
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll	
Felipe Basso Silva	
Gabriel Bittencourt de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.8951919117	
CAPÍTULO 8	78
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates	
Mirela Santiago Santos	
Rafael Bomfim Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919118	
CAPÍTULO 9	87
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo	
Anna Marcella Mendes Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8951919119	
CAPÍTULO 10	100
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes	
Valdenora Souza Mota	
Dayane Rainha da Silva	
Maria Madalena Pontes Melo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919110	
CAPÍTULO 11	111
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita	
Patrícia Quitero Rosenzweig	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 12	124
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 13	136
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	

CAPÍTULO 14	146
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus Suzana Alves Nogueira Larissa da Conceição Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191114	
CAPÍTULO 15	150
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Assíria Marielle da Silva Dantas Azilis Camille Pierrel Laísa Maria da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.89519191115	
CAPÍTULO 16	163
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
DOI 10.22533/at.ed.89519191116	
CAPÍTULO 17	175
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.89519191117	
CAPÍTULO 18	186
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
DOI 10.22533/at.ed.89519191118	
CAPÍTULO 19	195
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89519191119	
CAPÍTULO 20	209
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida Carolina da Silva Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191120	

CAPÍTULO 21	217
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis	
Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
SOBRE A ORGANIZADORA	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA

Taise de Jesus Chates

Instituto Federal da Bahia – IFBA campus
Camaçari

Camaçari – Bahia

Mirela Santiago Santos

Universidade Federal da Bahia – UFBA
Salvador – Bahia

Rafael Bomfim Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Camaçari – Bahia

RESUMO: Um contexto com situação de assédios e uma escola. Infelizmente, nada de incomum nessa descrição genericamente. Porém, um grupo de estudantes do 1º ano do ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia -IFBA campus Camaçari, resolveu, por livre iniciativa, juntamente com estudantes de outras turmas, criar um coletivo feminista, após algumas estudantes terem retornado de um Congresso Estudantil com um grande acúmulo de discussões sobre as questões de gênero e o feminismo. O Coletivo Maria Baderna foi construído no ano de 2013 e contou com a participação de adolescentes do gênero feminino, masculino e com identidade trans e causou uma reviravolta na escola. Este texto tem como perspectiva apresentar, em linhas gerais, a trajetória do Coletivo, bem como

realizar, a partir da experiência do mesmo, problematizações acerca do tratamento sobre as relações de gênero em contexto escolar. Além da utilização de registros documentais, a aplicação de questionários e a realização de entrevistas serão a base metodológica de construção deste trabalho. Por fim, mas não menos importante, destacamos que o texto tem a autoria de uma estudante, um estudante que fizeram parte do Coletivo e de uma professora que acompanhou de perto a atuação do grupo, assim tendo a experiência como elemento constitutivo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Interseccionalidade. Contexto escolar.

FROM LEGGINGS TO THE FIGHT: THE CONSTITUTION OF THE FEMINIST MARIA BADERNA COLLECTIVE AT THE BAHIA FEDERAL EDUCATION, SCIENCE AND TECHNOLOGY INSTITUTE - IFBA

ABSTRACT: A context with harassment situation and a school. Unfortunately, nothing unusual in this description generally. However, a group of students in the 1st year of the integrated high school of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia - IFBA campus Camaçari, decided, by free initiative, together with students from other classes, to create a

feminist collective, after some students have returned from a Student Congress with a large accumulation of discussions on gender issues and feminism. The Maria Baderna Collective was built in 2013 and was attended by female, male and trans-adolescent teens and caused a turnaround in the school. This text aims to present, in general, the trajectory of the Collective, as well as to make, from its experience, problematization about the treatment of gender relations in the school context. In addition to the use of documentary records, the application of questionnaires and interviews will be the methodological basis for the construction of this work. Last but not least, we highlight that the text is authored by a student, a student who were part of the Collective and a teacher who closely followed the group's performance, thus having experience as a constitutive element of the work.

KEYWORDS: Feminism. Intersectionality. School context.

1 | INTRODUÇÃO

Este texto foi escrito com o desejo de compartilhar com o mundo, em especial com as mulheres, um pouco do que foi a experiência do Coletivo Maria Baderna, que existiu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA/ Campus Camaçari, Bahia, Brasil, entre os anos de 2013 e 2015. Desejamos no aproximar ao máximo da poeticidade que o Maria Baderna apresentou ao longo da sua existência, desejamos compartilhar um pouco das percepções que nos fazem acreditar na necessidade de fazer do mundo um lugar mais acolhedor, pelas que lutaram, pelas que lutam e pelas que lutarão por isso.

Este é um texto produzido por três pessoas, uma mulher, estudante egressa do IFBA-Camaçari, que participou do Maria Baderna e hoje estuda ciências sociais na Universidade Federal da Bahia; um homem, estudante egresso do IFBA-Camaçari, que participou do Maria Baderna e hoje estuda direito na Universidade do Estado da Bahia e; uma mulher, professora de sociologia do IFBA-Camaçari e antropóloga, que acompanhou com proximidade a trajetória do grupo.

Aqui na introdução, apresentamos algumas escolhas adotadas para que o texto fique o mais próximo possível do que desejamos. Uma delas é de se referir às pessoas que participaram do Coletivo Maria Baderna no gênero feminino. O Coletivo contou com a participação de adolescentes do gênero feminino, masculino (heteros, gays e bissexuais) e de identidade trans, porém, a criação do grupo, assim como sua composição era majoritária, foi de adolescentes do gênero feminino, por isso a escolha por essa demarcação na escrita.

Como base para a escrita, utilizamos entrevistas com integrantes do Coletivo, informações presentes na página do Coletivo no Facebook, vídeos postados no Youtube, documentos institucionais, assim como memórias nossas sobre o que vivenciamos em torno do Coletivo Maria Baderna ao longo da sua existência. Não hierarquizamos as diferentes fontes, optamos por utilizá-las de maneira

complementar, com o ensejo de apresentar pontos e não uma verdade documental como mais verídica.

Optamos por apresentar o texto de maneira mais aconchegante, nos aproximando, na medida do possível e que conseguimos, da forma de gênero literário, assim trazendo para o texto um pouco do calor que a existência do Coletivo Maria Baderna proporcionou aos nossos dias. Por isso, optamos por apresentar um texto corrido, inserindo relações e discussões acerca dos dados e referências em autoras feministas ao longo do mesmo. Por fim, apresentamos algumas percepções sobre o grupo, suas concepções e práticas ao longo da sua trajetória, bem como sobre o processo de escrita deste texto.

2 | SOBRE DORES E DELÍCIAS NA TRAJETÓRIA DE UM COLETIVO FEMINISTA DE ADOLESCENTES AUTO ORGANIZADO

O ano era 2013, o local era o Campus Camaçari do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, o clima era de ânimo após a volta de algumas estudantes do III CONES (Congresso Estudantil do IFBA), que havia sido na cidade de Barreiras, na Bahia, no espaço do próprio Campus do IFBA na cidade. Como de costume, a organização do Encontro fora realizada pelo próprio corpo estudantil, assim como os temas que mais importavam escolhido por estudantes. Escolheram se debruçar sobre as relações de gênero e acolher um conjunto de inquietações de estudantes de vários lugares do estado da Bahia. Embora o Campus Camaçari tivesse uma fama de espaço combativo entre os trabalhadores e trabalhadoras do IFBA, o mesmo não acontecia quando o assunto era o combate ao machismo e às violências de gênero na escola. A criação de um GT de gênero no CONES de Barreiras e a volta das estudantes trouxe um sopro de empolgação para enfrentar um conjunto de angústias que, infelizmente, eram comuns para as adolescentes. As demandas se apresentaram na ausência de voz das estudantes nas decisões do campus, das violências sofridas pelas estudantes no contato com alguns professores - sobretudo os docentes de disciplinas técnicas, fatos que motivaram a ânsia de buscar democracia dentro do campus.

Ansiosas para transformar a realidade opressora em que viviam, as estudantes organizaram a primeira intervenção. Resolveram colar cartazes na escola com os textos que ouviam corriqueiramente, ao caminhar pelas ruas, ou pelos corredores da escola.

A partir dos sentidos construídos pelas participantes do Coletivo, as conversas e acordos levaram a ter como guia a desconstrução de hierarquias entre elas. Eram frequentes os debates acerca de uma série de temas políticos, desde os princípios do anarquismo até a corrente do feminismo na qual se reconheciam. Decidiram que não teriam representantes fixas, mas sim pessoas responsáveis em cada atividade que

encampavam coletivamente. Perceberam que a bandeira do feminismo interseccional era a que mais se aproximavam, pois, entre as concordâncias e discordâncias que tinham no grupo, era consenso que tinham a perspectiva de abarcar as diversas questões, relacionadas aos diversos grupos e diferentes “minorias” em suas ações e discussões. Akotirene (2018, p. 14) nos diz que a interseccionalidade busca nos dar instrumentos teórico-metodológicos para não separar os elementos estruturais do racismo, capitalismo e do cisheteropatriarcado. Enquanto o grupo era menor em quantidade de participantes, mas não em importância, as ações e discussões vinham fluindo em uma dinâmica mais fluida. Mas, o grupo foi tomando uma dimensão imprevista, foi recebendo manifestações de apoio e rechaço de muitos, agradando, acolhendo e provocando um certo medo nas estruturas com as quais tinha contato. Esse aumento trouxe receios para as “meninas do Maria Baderna”, como eram conhecidas. Elas viam no feminismo e na organização política legados com os quais deveriam contribuir de maneira responsável. Para elas, era necessário encampar um processo de formação política para refletir sobre os passos que dariam, sobre as ideias que difundiriam. Com o desejo que tinham de transformar o mundo e sem lidar com a condição de serem adolescentes, estudantes de ensino médio, como uma limitação, elas escolheram, ao longo do tempo, temas que julgavam necessário estudar e foram elegendo os que seriam prioridade. Conversaram sobre anarquismo, marxismo, correntes do feminismo, como o racismo se entranha nas estruturas sociais e como machuca, principalmente, as mulheres negras. Se relacionaram com feministas negras e com pessoas de esquerda que a trajetória do grupo fez com que não só tivessem contato, mas que também fossem admiradoras. No dia quatorze de junho de 2014, lançaram na página que construíram no Facebook um manifesto que sintetizou o que consideraram mais importante que as pessoas soubessem sobre elas:

MANIFESTO

O Maria Baderna é um coletivo feminista radical autogerido. Lutamos por um feminismo que busque não só igualdade jurídica e constitucional entre os gêneros, mas, que defenda a autonomia do ser, a liberdade de viver fora de padrões pasteurizados homogenizantes que apoie toda diversidade cultural e uma sociedade livre de quaisquer tipo de "outrofobias".

Negamos o padrão imposto do que é ser mulher, nos negamos a obedecer os papéis pre-concebidos que nos foi destinado. Desertamos do patriarcado para viver de forma que a nossa própria existência seja um ato de rebeldia contra esse sistema. Não mais submissão ao despotismo patriarcal!

Acreditamos que as opressões inter-relacionam. O machismo, o racismo, a homofobia, o capacitismo, a transfobia, o especismo e a xenofobia estão interligados intimamente e o fim de um só se dará com o fim de outro. Da mesma forma, apesar de vítima do machismo, uma mulher pode assumir o papel de opressora com as demais fobias. Por isso, nos declaramos interseccionais e repudiamos e pautamos o fim de qualquer tipo de preconceito

Construímos nossa militância incorporando as vozes dos oprimidos. Como tática, usamos o terrorismo poético, a arte, o fomento do debate e demais atividades que visem tirar opressores de sua zona de conforto, expor a realidade e emponderar vítimas. O discurso do Maria Baderna é composto não só das teóricas feministas proeminentes, mas da experiência viva de cada uma.

Aceitamos homens em nossa militância desde que eles entendam que não são protagonistas desse espaço e assumam função de aprendizes. Cavalheirismo machista é dispensado, o front dessa batalha é só nosso. Nos outros front e nas outras barricadas reivindicamos estar lado a lado aos nossos companheiros, nunca atrás, nunca como meras serventes. Não pedimos licença, nem permissão. As vozes de todas as rebeldes, as vozes das bruxas queimadas, as vozes das mulheres silenciadas estão vivas e ecoam através de nós.

Imagem: foto publicada na página do Coletivo Maria Baderna no Facebook em 14 de junho de 2014.

Como as flores normalmente tem espinhos, tinham tensões no grupo. As diferentes compreensões sobre as formas de lidar com as teorias que tinham contato e organizar as ações que decidiam vieram com debates acirrados. Debates que trouxeram desgastes e desnudavam questões que não eram somente das meninas do Coletivo Maria Baderna, mas da esquerda de maneira geral. Em que medida os debates, conceitos e questões mediados no Facebook expressam o que acontece na "vida real"? Algumas participantes defendiam que era necessário tirar o foco da rede e priorizar ações fora dela, outras faziam da rede um local prioritário para atuação e formação. Fizeram disso um ponto de reflexão, decidiram digerir o que se apresentava como dúvida para elas. Por fim, decidiram sair dos posts e ir para os livros, sem deixar de operar o potencial de mobilização que a internet possibilita. As "meninas do Maria Baderna" não fazia com que o fato de serem estudantes de ensino médio fosse limitação, vislumbravam conhecer o que julgavam necessário para transformar as coisas que as angustiavam. Essas angústias, não percebiam elas com tanta clareza na época, eram pesos que deviam ser carregados de maneira diferente. As dores que compartilhavam em um contexto escolar deveria ser tema de cuidado pelo corpo profissional da escola. Chegaram a compartilhar e acolher, entre elas, experiências doloridas, daquelas que seres que estão em processo formativo

devem ter suporte das pessoas que costumamos chamar de adultos para lidar. Dos assédios a situações de violências familiares, essas questões eram compartilhadas por elas, elas por elas.

No campus do IFBA onde estudavam, conviviam e atuavam, sempre houve momentos de tensões e divergências entre a gestão escolar e os estudantes de modo geral. Um desses problemas foi a polêmica que surgiu em torno do fardamento escolar obrigatório. A escola exigia que o fardamento fosse composto pela camisa da instituição, calça jeans e sapato fechado. Todavia, o IFBA campus Camaçari está localizado em região litorânea e numa distância de 40km de Salvador, capital do Estado da Bahia, e em períodos de alta estação (primavera/verão), a temperatura tende a subir na região, ultrapassando muitas vezes os 30°, o que faz com que o uso de determinados tipos de roupas provoque situações de grande desconforto. Diante disso, muitas meninas passaram a frequentar a escola com calças estilo leggings, pois estas proporcionavam conforto e reduziam a sensação de calor. A partir dessa situação, a escola tentou intervir na padronização do fardamento no sentido de proibir o uso dessas calças sob a alegação de que seriam inadequadas e, sobretudo, que muitos docentes do sexo masculino estavam alegando que ficavam desconcentrados quando as alunas, em sala de aula, usavam esse tipo de vestimenta.

Como nada passava despercebido diante dos olhares das “meninas do Maria Baderna”, elas logo sentiram que a situação que os professores alegavam estar passando era mais uma situação de sexualização do corpo das alunas, do que um simples desconcentramento. Mesmo com a tentativa da escolar de vetar o uso daquele tipo de roupa, as meninas resistiam e continuavam a frequentar a escola com as leggings. Até que com a sinalização, por parte da direção, de que não seria mais permitido a entrada na escola com leggings, as alunas se articularam através do coletivo Maria Baderna e, em massa, agendaram um dia de aula onde todas as meninas iriam de leggings como forma de protesto contra a proibição. Essa movimentação obrigou a direção da escola a recuar de suas posições e ficou conhecida como a “revolta das leggings” do IFBA Camaçari.

Havia também espaços de debate, formação e incentivo a estudos dentro do próprio coletivo. Um desses espaços era uma espécie de biblioteca do Coletivo Maria Baderna, conhecida como “Badernoteca”, onde eram disponibilizados para empréstimo, sem nenhum controle ou prazo para devolução, pequenos textos, folhetos, zines e caderninhos voltados a formação e discussão sobre construção de espaços autônomos e autogestão, numa linha teórica que muito se aproximava do anarquismo. Os materiais ficavam expostos alguns dias na semana em algum corredor da escola e os estudantes poderiam pegar algum que os interessasse e levar para leitura, com o compromisso de devolver após o uso para que outros também tivessem acesso ao conteúdo.



Imagem: Foto publicada na página do Coletivo no Facebook reunindo imagens do ato virtual do 8 de março de 2014.

Também havia espaços de debate e conversa onde as integrantes do coletivo discutiam temas diversos, propostas de intervenção e estudavam textos teórico-políticos, a maioria com ideias próximas às teorias anarquistas. Todavia, o método de estudar textos não era aceito por alguns membros, que enxergavam como uma atividade acadêmica demais. Conforme nos relata uma estudante que construiu o Maria Baderna e era vista como uma liderança no Coletivo, discussões teóricas de caráter marxista nunca havia sido pauta coletiva interna, mas que muitas das integrantes do Maria Baderna faziam suas próprias leituras e estudos individualmente. Uma das primeiras experiências de estudos coletivos foi com textos de autoria do sociólogo e filósofo brasileiro Nildo Viana que versavam sobre questões relacionadas ao marxismo e a autogestão de espaços sociais e políticos.

Essas leituras e estudos coletivos acabaram por gerar desgastes internos no coletivo pois surgiram em um momento mais avançado da formação da maioria de parte das meninas que, naquela altura, já se identificavam com determinadas correntes teórico-políticas (como o marxismo) e apresentavam discordâncias com posições de outra parte das integrantes que tinham postura e visões de mundo divergentes.

Outro espaço de atuação coletiva das meninas foi o grêmio estudantil do campus. Em 2014, momento de auge do coletivo Maria Baderna, houve eleição para a nova diretoria do Grêmio Estudantil Primavera nos Dentes, entidade que representava os estudantes secundaristas do IFBA campus Camaçari. Algumas das meninas do Maria Baderna integraram ou apoiaram a Chapa Voz Ativa, que era composta por um grupo de estudantes que vinha se organizando durante um tempo de forma coletiva e horizontal dentro da escola e que também tinham posturas críticas à gestão escolar e ao modelo educacional que a instituição vinha conduzindo naquele momento. Nesse pleito, a referida chapa foi eleita e as meninas passaram atuar ainda mais dentro da instituição, pois o grêmio passou a ser uma espécie de parceiro do Maria Baderna. Essa proximidade entre o Maria Baderna e o grêmio estudantil, gerou

outros impactos pois, quando houve um processo de perseguição política contra os estudantes do grêmio pelo fato de estes estarem fazendo oposição à gestão da escola, “as meninas do Maria Baderna” foram citadas no processo administrativo que havia sido instaurado como integrantes das movimentações políticas e protestos que estavam sendo desenvolvidos dentro do campus.

Consultando Exu, divindade africana da comunicação, aquele que é Senhor das encruzilhadas e, por isso, da interseccionalidade, Akotirene (2018, p. 15) traz a sabedoria ancestral para falar o quanto a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, sem beber da própria fonte epistêmica, que cruza mente e espírito. As “meninas do Maria Baderna” falaram, cantaram, poetizaram e até mesmo gritaram para comunicar os sentidos da transformação em que acreditavam, para comunicar sobre o mundo sem violências ao qual ansiavam. Plantaram diálogos e colheram processos formativos que não tinham como dimensionar enquanto viviam, nem mesmo muitas pessoas próximas. Somente a digestão que o tempo processa permitiria que os muitos olhos vissem a grandeza delas, que somente impactos tão fortes causariam reações tão amedrontadas e tão violentas, reações do tipo que vem existindo ao longo dos séculos, que buscam aprisionar corpos e sorrisos que anseiam por liberdade.

3 | DEVANEIOS (IN)CONCLUSIVOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO MARIA BADERNA

Não podemos deixar de nos remeter a uma questão que pareceu latente ao longo de parte da trajetória do Coletivo Maria Baderna: as fortes influências do marxismo, anarquismo e do feminismo negro. Embora, aparentemente, a opção pela interseccionalidade resolvesse as diferenças entre esses campos de concepção, é uma falsa aparência, que é derrubada em uma análise um pouco mais profunda. No enlace das questões acolhidas pelo Coletivo Maria Baderna e apresentadas por Akotirene, a relação entre gênero, raça e classe se apresentam como latentes. E nesse passo nos encontramos com Angela Davis, quando ela defende que o poder mítico do racismo frequentemente emana da sua irracionalidade, da lógica de pernas para o ar. De acordo com a ideologia dominante o povo negro era alegadamente incapaz de avanços intelectuais. Afinal de contas, tinham sido um bem móvel naturalmente inferior comparado com os epítomes (todas as coisas dos) brancos da espécie humana. Mas se eles fossem realmente biologicamente inferiores, eles não teriam manifestado nem o desejo, nem a capacidade de adquirir conhecimento. Aliás, nenhuma proibição de adquirir conhecimento teria sido necessária. Na realidade, e obviamente, que o povo negro sempre demonstrou uma impaciência furiosa no respeito pela aquisição de educação (DAVIS, 2016, p. 110).

A impaciência furiosa das “meninas do Maria Baderna”, fizeram com sua sede

por transformação construísse um processo de debates e intervenções que mexeram com o cotidiano do IFBA Camaçari. O Campus não estava preparado para acolher e qualquer equívoco encontrado nas concepções e intervenções do grupo eram usadas como bode expiatório para mascarar a falta de preparo da escola para lidar com as violências que aconteciam dentro daquele espaço.

Com aproximadamente dois anos de Coletivo Maria Baderna, as divergências e o acúmulo de funções do Maria Baderna criava rachaduras dentro do coletivo. Por abarcar questões de demandas internas do campus, como demandas externas, além de questões relativas a discordância sobre a qual linha do feminismo seguir que levaram divergências sobre o norte de organização interna do coletivo. Ainda com a saída de muitas integrantes da escola, por motivos diversos, dentre eles, aprovação no ENEM, evasão, conclusão do curso, tornaram o coletivo morno, com dificuldades de se organizar internamente.

A partir daí as ações realizadas pelo coletivo, dentro e fora do campus Camaçari, se esfriaram. Ainda assim, os saldos relatados pelas estudantes que participaram do coletivo giram em torno de entender seus lugares no mundo, numa forma de se posicionarem. Para além das experiências políticas com as parceiras de coletivo, afirma-se que a motivação pessoal, inclusive estética, e relação com amigos e familiares se viu transformada pela experiência com o coletivo.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158

Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

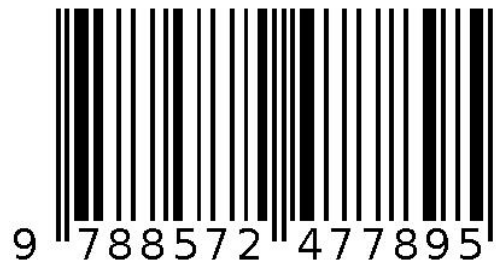
V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895